

***Träume* – os sonhos de Walter Benjamin ¹**

Aléxia Cruz Bretas^{*}

Resumo

Esta resenha pretende apresentar ao leitor brasileiro a recente publicação de *Träume*, a qual destaca a importância do aspecto onírico para a composição do pensamento de Walter Benjamin – seja como registro protocolar, medida “propedêutica” ou, no limite, recurso construtivo. Dos românticos alemães a Proust, passando por Freud, Marx e os surrealistas, a constelação benjaminiana do sonho tem o mérito de aproximar realidades – num primeiro momento – irreconciliáveis, configurando um prenhe e multifacetado móvel de ideias.

Palavras-chave

Sonho – constelação – imagens oníricas – imagens dialéticas – despertar

Abstract

This review aims to introduce to the Brazilian reader the recent publication of *Träume*, which highlights the importance of the oneiric aspect to the composition of Walter Benjamin's thought – as protocolary register, “propaedeutical” means or even constructive resource. From the German Romantics to Proust, via Freud, Marx and the Surrealists, the Benjaminian dream constellation has the merit of approximating apparently unreconcilable realities, configuring a pregnant and multifold mobile of ideas.

Key words

Dream – constellation – dream images – dialectic images – awakening

¹ Walter Benjamin. *Träume*, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 2008, 187 p.

^{*} Doutoranda pelo programa de pós-graduação em filosofia da USP e bolsista da FAPESP.

Träume – os sonhos de Walter Benjamin

“Es träumt sich nicht mehr
recht von der blauen Blume. Wer heut
als Heinrich von Ofterdingen erwacht,
muß verschlafen haben.”
Walter Benjamin, *Traumkitsch*.

Ao lado de Borges² e Kafka,³ Walter Benjamin está entre os autores para os quais a constelação do sonho nunca deixou de ser fecunda.⁴ Prova disso é a recente publicação de *Träume* (Sonhos) na Alemanha.⁵ Editado pela Suhrkamp, o livro reúne grande parte das configurações oníricas que pontuam “com suas belas fímbrias prismáticas”⁶ os escritos – não raro, descontínuos e fragmentários – deste pensador inesgotável, heterogêneo e multiestratificado.

Organizada por Burkhardt Lindner, esta pequena antologia onírica vem dividida em duas partes: I) “Anotações do sonho” (*Traumaufzeichnungen*) e II) “Sobre a percepção do sonho: despertar e sonho” (*Über die Traumwahrnehmung: Erwachen und Traum*). A primeira apresenta Benjamin como um “sonhador intensivo,” trazendo anotações extraídas de textos publicados anteriormente, seja em seus escritos reunidos, seja em suas correspondências.⁷ Já a segunda parte enfatiza o papel de Benjamin como teórico dos sonhos, destacando seu vínculo irreduzível tanto com a “*vague de rêves*” dos surrealistas, quanto com o âmago mesmo do projeto inacabado sobre as passagens de Paris, onde se lê: “O céu de verão pintado nas arcadas da sala de leitura da Biblioteca Nacional de Paris estendeu seu cobertor cego e sonhador sobre a primogenitura da ideia deste texto.”⁸

Composto como um móbil de citações referenciadas nos *Gesammelte Schrifte* (GS), *Träume* oferece uma excelente oportunidade para se acompanhar a trajetória benjaminiana “a contrapelo.”⁹ Ou em outras palavras, para se rastrear a produção intelectual do autor pelo viés

² Ver BORGES, Jorge Luís. *Libro de sueños*. Madri: Alianza Editorial, 2003.

³ Ver KAFKA, Franz. *Sonhos*. São Paulo: Iluminuras, 2008; e LÖWY, Michael. *Franz Kafka: sonhador insubmisso*. Rio de Janeiro: Azougue, 2005.

⁴ Ver BRETAS, Aléxia. *A constelação do sonho em Walter Benjamin*. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2008.

⁵ BENJAMIN, Walter. *Träume*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2008. 167 p.

⁶ Idem. *Haxixe*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 33.

⁷ Idem. *Gesammelte Schriften*, 7 vols., Frankfurt a. M., Suhrkamp, 1989; _____. *Gesammelte Briefe*, 6 vols. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1995.

⁸ Idem. “Passagens parisienses,” in: *Passagens*. São Paulo; Belo Horizonte, 2006, p. 963.

⁹ Referência ao termo encontrado na sétima tese “Sobre o conceito de história,” onde se lê: “Nunca há um documento da cultura que não seja, ao mesmo tempo, um documento de barbárie. E, assim como ele não está livre da barbárie, também não o está o processo de sua transmissão, transmissão na qual ele passou de um vencedor a outro. Por isso, o materialista histórico, na medida no possível, se afasta dessa transmissão. Ele considera como sua tarefa escovar a história a contrapelo.” BENJAMIN, Walter in LÖWY, Michael. *Walter*

de aspectos considerados “recalcitrantes,”¹⁰ sendo, por isso, avaliados como secundários ou periféricos por parte da crítica – o que fica patente, por exemplo, na edição do *Passagen-Werk* realizada por Rolf Tiedemann. Conforme argumenta o posfácio de Lindner, a compilação comentada de seus relatos e reflexões “onirofílicas”¹¹ tem o mérito de iluminar pontos que, até então, permaneciam obscuros na obra de Benjamin, mas que se mostram centrais para a articulação de seu pensamento.¹²

Benjamin como sonhador

O sonho é, sem dúvida, um destes núcleos irradiadores. Ele aparece esporadicamente em pequenos textos de juventude e, depois disso, se afirmará como uma presença constante a partir de *Rua de mão única* – nesta obra, em particular, numa relação inextrincável com os planos do passado, do esquecimento e da memória. Publicado em 1926, o livro traz uma série de relatos autobiográficos sobre recordações de infância e sonhos pessoais do autor – que por duas vezes chega a idealizar o projeto, nunca realizado, de publicar um “livro dos sonhos” (*Das Buch der Träume*). Ainda em *Einbahnstrasse*, porém, seu “protocolo de sonhos” se desenvolve totalmente na superfície, não sendo factível apontar qualquer distinção legítima entre o conteúdo latente e o conteúdo manifesto, o que lança por terra a inevitável tentação de interpretá-los de acordo com a seminal *Traumdeutung* freudiana.¹³ O fato, contudo, não encerra a questão sobre a função dos sonhos em seus escritos. Pelo contrário.

“Uma tradição popular adverte contra contar sonhos, pela manhã, em jejum. O homem acordado, nesse estado, permanece ainda, de fato, no círculo de sortilégio do sonho. [...] Nessa disposição, o relato sobre os sonhos é fatal, porque o homem, ainda conjurado pela metade ao mundo onírico o trai em palavras e tem de contar com sua vingança. [...] Está emancipado da proteção da ingenuidade sonhadora e, ao tocar suas visões oníricas sem sobrançeria, se entrega. Pois é somente da outra margem, do dia claro, que pode ele ser

Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história.” São Paulo: Boitempo, 2005, p. 70. Tradução das teses: Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Müller.

¹⁰ Ver COHEN, Margaret. “Walter Benjamin’s Phantasmagoria,” in: *New German Critique* (48), 1989: 87-107.

¹¹ A expressão é utilizada por Derrida no discurso de agradecimento pelo prêmio Adorno, recebido em 2001, a propósito, aberto com a narração de um sonho de Benjamin a Gretel Adorno. DERRIDA, Jacques. *Fichus: Discours de Francfort*. Paris: Galilée, 2002. Tradução para o português: *Discurso de Frankfurt*. LE MONDE DIPLOMATIQUE. Edição brasileira. Ano 3, nº 24, jan. 2002. Trad.: Iraci Poleti. Disponível em: <<http://diplo.uol.com.br/2002-01,a204>>. Acesso em: 20/11/2008.

¹² Ver LINDNER, Burkhardt. “Benjamin als Träumer und Theoriker des Traums,” in: BENJAMIN, Walter. *Träume*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2008.

¹³ Ver ROUANET, Sérgio Paulo. *Édipo e o anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

interpelado por recordação sobranceira. [...] Quem está em jejum fala do sonho como se falasse de dentro do sonho.”¹⁴

Conforme se pode depreender do fragmento acima, Benjamin deixa antever sua consideração não só pela dimensão onírica *tout court*, quanto ainda pelo imperativo maior de “narrar” suas imagens, salvando suas ruínas do esquecimento. Mas não é só isso. Atento às figuras do “sonambulismo” da razão à la Segismundo¹⁵ ou Caligari,¹⁶ ele alerta igualmente sobre os riscos de se falar do sonho *como que de dentro do próprio sonho*. Neste estado difuso de “*Traumdämmerung*” (aurora ou crepúsculo do sonho), o sonhador é capaz de mobilizar apenas sua “consciência onírica” (*Traumbewusstsein*), não sua “consciência desperta” (*Wachbewusstsein*). Para isso, é preciso que ele conclua a passagem pelo limiar (*Schwelle*) do adormecimento, portando consigo os *rebus*, a serem nomeados e, pela mediação da linguagem, resgatados do “mundo do sonho” (*Traumwelt*). Daí talvez o sentido primeiro da afirmação de Adorno: “Sob a forma do paradoxo da possibilidade do impossível, Benjamin reuniu pela última vez a mística e a *Aufklärung*, o racionalismo emancipador. *Baniu* o sonho sem o *trair* e sem se fazer cúmplice da unanimidade permanente dos filósofos, segundo a qual isso é impossível.”¹⁷

Diferentemente dos sonhos proféticos encenados pelo drama barroco, dos sonhos dos visionários desautorizados por Kant¹⁸ ou dos sonhos sem desejo propalados pela psicologia de Jung, os sonhos benjaminianos revelam a face hipócrita da própria realidade, à espera do “agora da cognoscibilidade” – o momento crítico de seu confronto inadiável com as instâncias da vigília. Portanto, ao recusar a aceção racionalista do onírico como signo da “mera aparência” (*Schein*),¹⁹ o autor não se furta em explorar a zona de vizinhança entre a razão vigilante dos filósofos e a percepção onírica dos surrealistas – em certa medida, respondendo

¹⁴ BENJAMIN, Walter. “Sala de Desjejum,” in: *Obras escolhidas II: Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 2000, pp. 11-12.

¹⁵ Ver CALDERÓN DE LA BARCA, Pedro. *A vida é sonho*. São Paulo: Escrita Editorial, 1992.

¹⁶ Ver O GABINETE do Dr. Caligari. Direção: Robert Wiene, 1919. São Paulo: Continental. 1 DVD (52 min). Preto e branco. Legendado. Tradução de: *Das Kabinet des Dr. Caligari*; e KRACAUER, Siegfried. *De Caligari a Hitler: uma história psicológica do cinema alemão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

¹⁷ ADORNO, Theodor. “Caracterização de Walter Benjamin,” in: *Prismas*, op. cit., p. 237.

¹⁸ Ver KANT, Immanuel. “*Träume eines Geistersehers, erläutert durch Träume der Metaphysik*”. In: *Immanuel Kant: Vorkritische Schriften bis 1768*. Wiesbaden: Insel Verlag, 1998. Edição brasileira: “Sonhos de um visionário explicados por sonhos da metafísica”. In: *Escritos pré-críticos*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005. Tradução: Joãozinho Beckenkamp

¹⁹ A esse respeito, é bastante elucidativo o comentário de Adorno: “Quando despertamos no meio de um sonho, mesmo que seja dos piores, ficamos decepcionados e temos a impressão de termos sido enganados quanto ao melhor. Mas sonhos felizes, bem-sucedidos, a rigor, há tão poucos quanto, nas palavras de Schubert, música alegre. Mesmo o sonho mais belo encerra como uma mácula sua diferença da realidade, a consciência da mera aparência daquilo que ele proporciona.” ADORNO, Theodor. *Minima Moralia*. São Paulo: Ática, 1993, p. 97.

à provocação de Breton: “Quando teremos lógicos e filósofos dormentes?”²⁰ Anunciando a relação de família entre o regime onírico e as operações racionais, Reverdy, como Benjamin, rejeita o lugar-comum da incompatibilidade entre o caráter aparentemente ilógico dos sonhos e o exercício metódico do pensamento. “O sonho e o pensamento são dois lados diferentes de uma mesma coisa – o reverso e o anverso, o sonho constituindo o lado em que a trama é mais rica, porém mais frouxa; o pensamento, aquele em que a trama é mais sóbria, porém mais apertada.”²¹

Até por isso, em sua “Caracterização de Walter Benjamin,” de 1955, Adorno observa: “A intenção de Benjamin era desistir de toda interpretação manifesta e deixar o sentido aflorar tão somente pelo choque da montagem do material. A filosofia deveria não só subsumir o surrealismo, ela deveria tornar-se surrealista.”²² Malgrado um certo exagero, o diagnóstico adorniano não está de todo equivocado. Afinal, a adoção da montagem como modo de apresentação do não-idêntico, o recurso às configurações imagéticas como dispositivo cognitivo e a promoção do “acaso objetivo” como via de acesso ao maravilhoso constelado no cotidiano constituem algumas das mais auspiciosas “afinidades eletivas” entre Benjamin e o grupo nascido do *flirt* entre Dadá e as passagens parisienses.²³

Em todo caso, em seu afã de acionar uma etapa de “disrupção criativa” preparatória para a reconfiguração das fronteiras, desde Descartes e Kant,²⁴ mapeadas pela consciência desperta, Benjamin recorre ao uso de drogas “propedêuticas” como o haxixe e a mescalina. Na esteira dos *Paraísos artificiais* de Baudelaire, o autor retrata então uma “sobre-realidade” (*Surréalité*),²⁵ onde tudo parece estranho (*unheimlich*) e familiar (*heimlich*) a um só tempo.²⁶ “Era como se a vida houvesse sido posta em conserva num pote fechado. O sono era o líquido

²⁰ BRETON, André. *Manifestos do Surrealismo*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2001, p. 25.

²¹ REVERDY, Pierre *apud* NADEAU, Maurice. *História do Surrealismo*. São Paulo: Perspectiva, 1985, op. cit. p. 60.

²² ADORNO, Theodor. “Caracterização de Walter Benjamin,” op. cit.

²³ No manuscrito referido como “Passagens Parisienses II,” está escrito: “O pai do surrealismo foi Dadá; sua mãe foi uma passagem. Quando Dadá travou conhecimento com ela, já era velho. Em fins de 1919, Aragon e Breton, por aversão a Montparnasse e Montmartre, transferiram seus encontros com amigos para um café da Passage de l’Opera. A abertura do Boulevard Haussmann provocou seu fim.” BENJAMIN, Walter. “Passagens parisienses II,” in: *Passagens*. Op. cit., p. 962. Sobre a influência surrealista nos escritos do autor, ver: COHEN, Margaret. *Profane Illumination: Walter Benjamin and the Paris of Surrealist Revolution*. Berkeley: University of California Press, 1993; e LÖWY, Michael. “Walter Benjamin e o surrealismo: história de um encantamento revolucionário,” in: *A estrela da manhã: surrealismo e marxismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

²⁴ Ver MATOS, Olgária. *O iluminismo visionário: Benjamin, leitor de Descartes e Kant*. São Paulo: Brasiliense, 1999, pp. 23-72.

²⁵ Nos manifestos do Surrealismo, André Breton afirma: “Eu creio que, no futuro, será possível reduzir esses dois estados aparentemente tão contraditórios, que são o sonho e a realidade, a uma espécie de realidade absoluta, de sobre-realidade (*Surréalité*).” BRETON, André. *Manifestos do Surrealismo*, op. cit., p. 28.

²⁶ Sobre o sentido do “estranho” (*unheimlich*) para os surrealistas, ver FER, Briony. “O estranho,” in: FER, Briony; BACHELOR, David et. al. *Realismo, Racionalismo, Surrealismo: a arte no entre-guerras*. São Paulo: Cosac & Naify, 1998, pp. 189-203.

que a conservara e que agora se despejava na pia, repleto de todos os seus odores.”²⁷ Já no ensaio sobre “O surrealismo,” de 1929, ele escreve:

“Quando irrompeu sobre os criadores sob a forma de uma vaga inspiradora de sonhos, ele [o surrealismo] parecia algo de integral, definitivo, absoluto. Tudo o que tocava se integrava nele. A vida só parecia digna de ser vivida quando se dissolvia a fronteira entre o sono e a vigília, permitindo a passagem em massa de figuras ondulantes, e a linguagem só parecia autêntica quando som e imagem, a imagem e o som, se interpenetravam, com exatidão automática, de forma tão feliz que não sobrava a mínima fresta para inserir a pequena moeda a que chamamos ‘sentido.’”²⁸

Ciente dos riscos inerentes à exposição não-mediada do concreto, Benjamin, contudo, adverte:

“Quem percebeu que as obras desse círculo não lidam apenas com a literatura, e sim com outra coisa, [...] sabe também que são experiências que estão aqui em jogo, não teorias, e muito menos fantasmas. E essas experiências não se limitam de modo algum ao sonho, ao haxixe e ao ópio. É um grande erro supor que só podemos conhecer das ‘experiências surrealistas’ os êxtases religiosos ou os êxtases produzidos pelas droga. [...] A superação autêntica e criadora da iluminação religiosa não se dá através do narcótico. Ela se dá numa iluminação profana, de inspiração materialista e antropológica.”²⁹

Benjamin como teórico do sonho

Seja como for, do ponto de vista do tratamento conferido ao “onírico” em seus escritos, o trabalho das *Passagens*³⁰ sinaliza, sem dúvida, o grande divisor de águas entre a imediata “realidade absoluta” anunciada pelos “bebedores de imagens” e a divisa marxiana, dialética, do “despertar do mundo” como práxis revolucionária – por sinal, reproduzida no “Arquivo N,” onde está escrito: “Nosso lema deve ser: reforma da consciência, não por meio de dogmas, e sim pela análise da consciência mística, obscura a si mesma, seja em sua manifestação religiosa ou política.” Movido pelo *pathos* de um certo “marxismo gótico,”³¹

²⁷ BENJAMIN, Walter. *Haxixe*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 41.

²⁸ BENJAMIN, Walter. “O surrealismo: o último instantâneo da inteligência européia,” in: *Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e ciência*. São Paulo: Brasiliense: 1986, p. 22.

²⁹ Ibidem, p. 23.

³⁰ Ver BRETAS, Aléxia. “Passagens, de Walter Benjamin,” in: *Cadernos de Filosofia Alemã (USP)*, v. 9, 2007, p. 117-125.

³¹ Ver COHEN, Margaret. “Gothic Marxism,” in: *Profane Illumination*, op. cit., pp. 1-15. A respeito da expressão cunhada pela autora para se referir à versão de marxismo adotada pelos surrealistas e, de certa forma, encampada também por Walter Benjamin, Michael Löwy esclarece: “O termo marxismo gótico é esclarecedor, com a condição de que esse adjetivo seja compreendido em sua acepção romântica: a fascinação pelo *encantamento* e pelo *maravilhoso*, assim como pelos aspectos ‘enfeitiçados’ das sociedades e das culturas pré-modernas.” LÖWY, Michael. “Walter Benjamin e o surrealismo: história de um encantamento revolucionário,” op. cit., p. 41.

Benjamin transcreve: “Ficaré claro que o mundo há muito possui o sonho de uma coisa, da qual precisa apenas ter a consciência para possuí-la realmente.”³²

Ora, está aí a prova da heterogeneidade fundamental entre o autor daquele que já foi chamado de “conto de fadas dialético” (*dialektische Feerie*) e o grupo surrealista propriamente dito. Assim, disposto a alargar a distância entre a atitude “materialista” – até certo ponto compartilhada com Brecht – e a hipostasia irracionalista da imaginação à la Jung, Klages ou Aragon, Benjamin é enfático:

“Delimitação deste trabalho em relação a Aragon: enquanto Aragon persiste no domínio do sonho, deve ser encontrada aqui a constelação do despertar. Enquanto em Aragon permanece um elemento impressionista – a “mitologia”, trata-se aqui da dissolução da “mitologia” no espaço da história. Isso, de fato, só pode acontecer através do despertar de um saber ainda não consciente do ocorrido.”³³

Não obstante os esforços renovados no sentido de apresentar a “proto-história” (*Urgeschichte*) do século XIX a partir de suas próprias expressões oníricas – como as exposições universais, os panoramas, a fotografia, a moda, o reclame e, claro, as passagens parisienses –, Benjamin se depara com uma dura recepção por parte da direção do Instituto de Pesquisa Social – pelo qual a pesquisa referida como “Paris, a capital do século XIX” seria financiada, a partir de 1934. Rolf Tiedemann identifica duas fases bem distintas no longo e controvertido processo de elaboração do *Passagen-Werk*. A primeira compreende os anos de 1927 a 1929, e constitui como que o desdobramento de sua constelação da infância exposta em *Rua de mão única*.³⁴ Redigido neste período, o manuscrito conhecido como “Passagens parisienses” – a rigor, a célula-mãe do trabalho das *Passagens* – conquista a efusiva admiração de Adorno, que se prontifica a mediar a aceitação de Benjamin como pesquisador bolsista junto ao Instituto, sob a direção de Max Horkheimer.

Entretanto, logo no texto que prepara como esboço geral de sua pesquisa, o “Exposé de 1935,” Benjamin é alvo de críticas enérgicas por parte de Adorno, o que o leva a rever – e mesmo a suprimir – algumas de suas ideias mais promissoras. Nesta mal fadada primeira versão, o autor escreve:

“À forma do novo meio de produção, que no início ainda é dominado por aquela do antigo (Marx), correspondem na *consciência coletiva* imagens nas quais se interpenetram o novo e o antigo. Estas imagens são *imagens do desejo* e nelas o coletivo procura tanto superar

³² MARX, Karl *apud* BENJAMIN, Walter. “Arquivo N”, in: *Passagens*, op. cit., p. 509.

³³ BENJAMIN, Walter. “Arquivo N,” in: *Passagens*, op. cit., p. 500.

³⁴ Sobre a constelação da infância em Walter Benjamin, ver GAGNEBIN, Jeanne Marie. “A criança no limiar do labirinto,” in: *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1999, pp. 73-92; e AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência da história*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

quanto transfigurar as imperfeições do produto social, bem como as deficiências da ordem social de produção. Ao lado disso, nestas *imagens de desejo* vem à tona a vontade expressa de distanciar-se daquilo que se tornou antiquado – isso significa, do passado mais recente. Estas tendências remetem à *fantasia imagética*, impulsionada pelo novo, de volta ao passado mais remoto. No *sonho*, em que diante dos olhos de cada época surge em imagens a época seguinte, esta aparece associada a elementos da história primeva, ou seja, de uma sociedade sem classes. As experiências desta sociedade, que têm seu depósito no *inconsciente do coletivo*, geram, em interação com o novo, a utopia que deixou seu rastro em mil configurações da vida, das construções duradouras até as modas passageiras.”³⁵

Aberto pela epígrafe de Michelet, “Cada época sonha a seguinte,” o trecho em questão recorre a expressões “apócrifas” como “consciência coletiva,” “imagens do desejo,” “fantasia imagética,” “sonho” e “inconsciente do coletivo,” a fim de caracterizar seu objeto de estudo, qual seja, as galerias de Paris, como o produto da transfiguração do sonho coletivo ainda não-consciente de sua própria história. Certamente, Adorno não deve ter ficado nada satisfeito ao detectar indesejáveis pontos de contato entre as formulações benjaminianas e a teoria de Jung, a qual, divergindo de Freud, defende a existência de um “inconsciente coletivo” atemporal e autônomo em relação à *psique* individual e suas fantasmagorias. Contrariado, Adorno pondera: “Quem é o sujeito do sonho? [...] A noção de uma consciência coletiva foi inventada somente para desviar a atenção da verdadeira objetividade e seu correlato, a subjetividade alienada.”³⁶

Além disso, a ligação entre as noções de “história primeva” (*Urgeschichte*), “utopia” e “sociedade sem classes” deve ter causado não pouco embaraço aos paladinos de um freudo-marxismo rigorosamente fundamentado nos cânones. Aproximando as configurações – num primeiro momento – inconciliáveis do sonho e do pensamento dialético,³⁷ ainda nesta versão de seu texto programático, Benjamin propõe:

“Desta época originam-se as passagens e os *intérieurs*, os pavilhões de exposição e os panoramas. São resquícios de um mundo onírico. A utilização dos elementos do sonho no despertar é o caso exemplar do pensamento dialético. Por isso, o pensamento dialético é o órgão do despertar histórico. Cada época sonha não apenas a próxima, mas ao sonhar, esforça-se em despertar. Traz em si mesma seu próprio fim e o desenvolve – como Hegel já o reconheceu – com astúcia. Com o abalo da economia de mercado, começamos a reconhecer os monumentos da burguesia como ruínas antes mesmo de seu desmoronamento.”³⁸

³⁵ BENJAMIN, Walter. “Exposé de 1935”, in: *Passagens*, Op. cit., p. 41. Grifos nossos.

³⁶ ADORNO, Theodor. “Theodor Adorno: Carta a Walter Benjamin”. In: ADORNO, Theodor *et ali*. *Aesthetics and Politics*. London; New York: Verso, 2007. pp. 112-3.

³⁷ Ver BRETAS, Alécia. “Pensar ao mesmo tempo dialética e não-dialeticamente: Adorno, leitor de Benjamin,” in: *Controvérsia* (Unisinos), v. 3, 2007. p. 4. Disponível em: <<http://www.controversia.unisinos.br>> Acesso em: 28/11/2008.

³⁸ BENJAMIN, Walter. “Exposé de 1935,” in: *Passagens*, op. cit., p. 51.

Categoricamente rechaçadas pelas recomendações, seja de Horkheimer, seja de Adorno, as constelações oníricas deixam o primeiro plano do *Passagenarbeit*, sendo o ensaio sobre Baudelaire, a partir de então, convertido no núcleo mesmo do trabalho sobre as passagens. Tal virada traz conseqüências indelévels para o tratamento do sonho como princípio construtivo em seus últimos textos.³⁹ Não obstante os percalços, tanto o “Arquivo K” quanto o “Arquivo N” trazem importantes indicações do caminho que Benjamin pretendia seguir, antes da recepção desfavorável encontrada junto ao Instituto. Tendo em Proust uma de suas figuras de proa, a incipiente teoria benjaminiana do sonho busca alcançar a esfera política propriamente dita, pela transposição de suas reflexões sobre a infância, o passado e a memória do registro individual para o coletivo – isso, vale dizer, como exercício preparatório para a prática do despertar histórico. O autor compara: “Assim como Proust inicia a história de sua vida com o despertar, toda apresentação da história deve também começar com ele; no fundo, ela não deve tratar de outra coisa. Esta exposição, portanto, ocupa-se com o despertar do século XIX.”⁴⁰

Naturalmente, este é um passo apenas esboçado em seus escritos. Por isso, seria, no mínimo, injusto acusar Benjamin de não ter resolvido inteiramente a questão da mediação em seus textos propedêuticos e plantas de construção. A despeito das contingências, em sua pequena glossa do surrealismo – uma espécie de prolegômenos às “Passagens parisienses” –, ele já havia anunciado: “A história do sonho ainda está por ser escrita, e compreendê-la significaria dar um golpe decisivo na superstição do estar-presos à natureza, por meio de uma iluminação histórica.”⁴¹ Segundo Lindner, sua produção tardia se revela, retrospectivamente, como a derradeira tentativa – decerto não concluída – de atribuir às configurações oníricas um substrato material e uma destinação política. Talvez *Träume* possa ser lido como o breviário mesmo de sua dialética interrompida, a meio caminho entre o sonho e o despertar da história.

Bibliografia

ADORNO, Theodor. “Caracterização de Walter Benjamin,” in: *Prismas*. São Paulo: Ática, 1997. Tradução: Flávio Kothe.

³⁹ A esse respeito, ver COHEN, Margaret. “Walter Benjamin’s Phantasmagoria,” op. cit.

⁴⁰ BENJAMIN, Walter. “Arquivo N,” in: *Passagens*, op. cit., p. 506.

⁴¹ BENJAMIN, Walter. “Traumkitsch. Glosse zum Surrealismus,” in: *Träume*. Op. cit., p. 72. Tradução para o português: ROUANET, Sérgio Paulo. *Édipo e o anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990. p. 88-9.

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência de origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

BENJAMIN, Walter. *Träume*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2008.

_____. *Gesammelte Schriften*, 7 vols., org. por Rolf Tiedemann e Hermann Schweppenhäuser, Frankfurt a. M., Suhrkamp, 1974-1989

_____. *Haxixe*. São Paulo: Brasiliense, 1984. Apresentação: Olgária Matos. Tradução: Flávio de Menezes e Carlos Nelson Coutinho.

_____. *Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1986. Apresentação: Jeanne Marie Gagnebin. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet.

_____. *Obras escolhidas II: Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1995. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa.

_____. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. Organização: Willi Bolle. Colaboração: Olgária Chain Féres Matos. Tradução do alemão: Irene Aron. Tradução do francês: Cleonice Paes Barreto Mourão.

BRETAS, Aléxia. *A constelação do sonho em Walter Benjamin*. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2008.

_____. “Passagens, de Walter Benjamin,” in: *Cadernos de Filosofia Alemã (USP)*, v. 9, 2007, p. 117-125.

_____. “Pensar ao mesmo tempo dialética e não dialeticamente: Adorno, leitor de Benjamin,” in: *Controvérsia (Unisinos)*, v. 3, 2007. p. 4. Disponível em: <<http://www.controversia.unisinos.br>> Acesso em: 28/11/2008.

BRETON, André. *Manifestos do Surrealismo*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2001

BORGES, Jorge Luís. *Libro de sueños*. Madri: Alianza Editorial, 2003.

CALDERÓN DE LA BARCA, Pedro. *A vida é sonho*. São Paulo: Escrita Editorial, 1992.

COHEN, Margaret. *Profane Illumination: Walter Benjamin and the Paris of Surrealist Revolution*. Berkeley: University of California Press, 1993.

_____. “Walter Benjamin’s Phantasmagoria”. In: *New German Critique* (48), 1989: 87-107.

DERRIDA, Jacques. *Fichus: Discours de Francfort*. Paris: Galilée, 2002.

_____. *Discurso de Frankfurt*. LE MONDE DIPLOMATIQUE. Edição brasileira. Ano 3, nº 24, jan. 2002. Tradução: Iraci Poleti. Disponível em: <<http://diplo.uol.com.br/2002-01,a204>>. Acesso em: 08/12/2008.

- FER, Brion; BACHELOR, David et. al. *Realismo, Racionalismo, Surrealismo: a arte no entre-guerras*. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.
- FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. 2 Vols. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. *O estranho*. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- HABERMAS, Jürgen. “Crítica conscientizante ou salvadora – a atualidade de Walter Benjamin”. In: *Habermas: sociologia*. São Paulo: Ática, 1980.
- KAFKA, Franz. *Sonhos*. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- KANT, Immanuel. “*Träume eines Geistersehers, erläutert durch Träume der Metaphysik*”. In: *Immanuel Kant: Vorkritische Schriften bis 1768*. Wiesbaden: Insel Verlag, 1998.
- _____. “Sonhos de um visionário explicados por sonhos da metafísica”. In: *Escritos pré-críticos*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005. Tradução: Joãozinho Beckenkamp
- KRACAUER, Siegfried. *De Caligari a Hitler: uma história psicológica do cinema alemão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- LÖWY, Michael. “Walter Benjamin e o surrealismo: história de um encantamento revolucionário”. In: *A estrela da manhã: surrealismo e marxismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- _____. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- _____. *Franz Kafka: sonhador insubmisso*. Rio de Janeiro: Azougue, 2005.
- MATOS, Olgária. *O iluminismo visionário: Benjamin, leitor de Descartes e Kant*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- NADEAU, Maurice. *História do Surrealismo*. São Paulo: Perspectiva, 1985
- O GABINETE do Dr. Caligari. Direção: Robert Wiene, 1919. São Paulo: Continental. 1 DVD (52 min). Preto e branco. Legendado. Tradução de: *Das Kabinet des Dr. Caligari*.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *Édipo e o anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.
- _____. “As galerias do sonho”. In: *As razões do Iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.